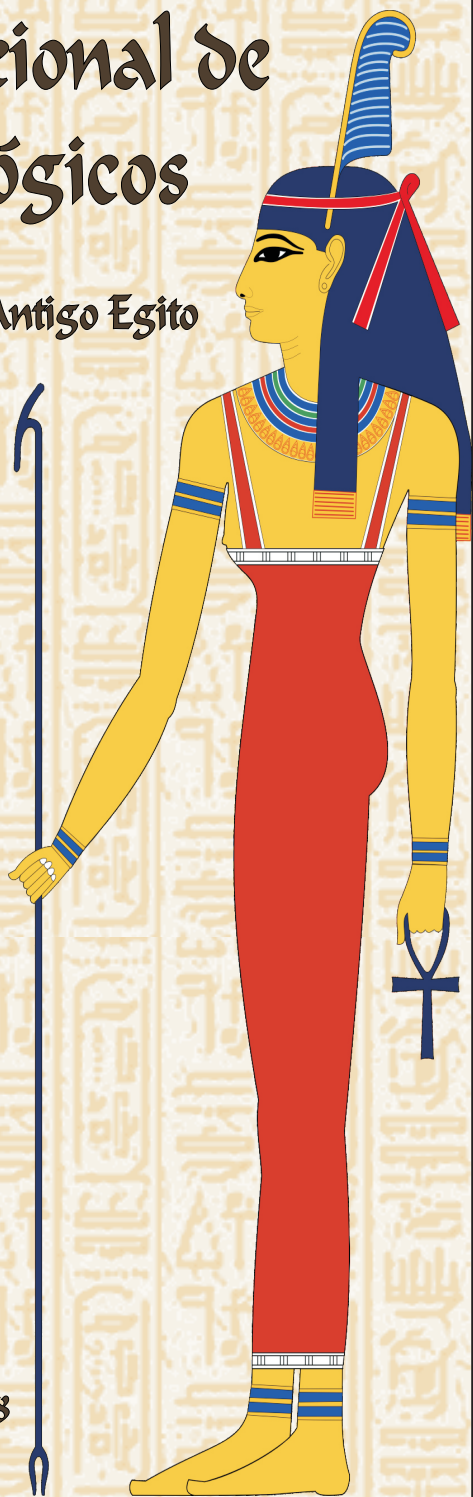


III Encontro Nacional de Estudos Egíptológicos

Documento e Monumento no Antigo Egito

Caderno de Resumos

De 10 a 12 de novembro de 2008
Niterói - Rio de Janeiro





shaduf@gmail.com
novembro/2008

III Encontro Nacional de Estudos Egíptológicos

Documento e Monumento no Antigo Egito

Caderno de Resumos

**Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade
Universidade Federal Fluminense**

**2008
Niterói - Rio de Janeiro**

ISBN 978-85-62089-01-5

CARDOSO, Ciro *et alii*

Caderno de Resumos do IIIº Encontro Nacional de Egiptologia/ Ciro Flamarion Santana Cardoso, Haydée Maria Luz Pereira de Oliveira, Liliane Cristina Coelho, Luís Eduardo Lobianco, Moacir Elias Santos, Nely Feitoza Arrais e outros. – Niterói –RJ, 2008.

IV, 20 f.

1. História Antiga 2. Egito Antigo 3. Egiptologia. II. Universidade Federal Fluminense III. Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade/ Grupo de Estudos Egiptológicos Maat IV.Título

Membros do comitê científico:

Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso (coordenador)
Profa. Dra. Haydée Oliveira
Profa. Mestranda Liliane Cristina Coelho
Prof. Dr. Luís Eduardo Lobianco
Prof. Doutorando Moacir Elias Santos
Profa. Doutoranda Nely Feitoza Arrais

Sumário

Programação	5
Segunda-feira, dia 10 de novembro	5
Terça-feira, dia 11 de novembro	5
Quarta-feira, dia 12 de novembro	6
Conferência	7
Construção de monumentos régios e simbolização do espaço no Reino Novo	7
Mesas Redondas	7
Militarismo e imperialismo no Reino Novo	7
Elementos helênicos e romanos no Egito à luz da religião	9
As mulheres e o poder no Reino Novo	11
A presença da deusa Ísis em Roma	13
Espaço urbano e mortuário no Egito faraônico	14
Comunicações Livres	16
Sessão 1	16
Sessão 2	18
Sessão 3	20

Programação

Segunda-feira – dia 10 de Novembro

13h30min – 14h45min:

Abertura e Conferência

Prof. Doutor Ciro Flamarion Cardoso
(Coordenador do CEIA e do GEE-MAAT – UFF)

14h45min – 15h: Intervalo

15h – 16h45min: Mesa Redonda

Militarismo e Imperialismo no Reino Novo

Coordenador: Prof. Doutor Ciro Flamarion Cardoso

Prof. Mestrando Fábio Frizzo
(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

Prof.a Doutoranda Nely Feitoza Arrais
(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

16h45min – 18h:

Sessão de Comunicações Livres

Coordenadora:
Prof.a Doutoranda Nely Feitoza Arrais

Terça-feira – dia 11 de Novembro

13h30min – 15h15min: Mesa Redonda

Elementos Helênicos e Romanos no Egito à luz da religião

Coordenadora:
Prof.a Doutora Regina Bustamante
(LHIA / PPGHC – UFRJ)

Prof. Doutorando Julio Gralha
(NEA – UERJ / UNICAMP)

Prof. Doutor Luís Eduardo Lobianco
(LHIA/ UFRJ e CEIA / GEE-MAAT/UFF)

6

15h15min – 15h30min: Intervalo

15h30min – 17h15min: Mesa Redonda

As mulheres e o poder no Reino Novo

Coordenadora: Profa Doutora Haydée Oliveira
(CEIA e GEE-MAAT – UFF)

Prof.a Mestranda Aline Fernandes
(CEIA / GEE-MAAT e PPGH - UFF)

Prof.a Mestre Gisela Chapot
(CEIA e GEE-MAAT – UFF)

17h15min – 18h:

Sessão de Comunicações Livres

Coordenador:
Prof. Doutor Luís Eduardo Lobianco

Quarta-feira – dia 12 de Novembro

13h30min – 15h15min: Mesa Redonda

A presença da deusa Ísis em Roma

Coordenadora: Prof.a Doutora Sônia Rebel
(CEIA / Depto História / PPGH - UFF)

Prof.a Mestranda Evelyne Azevedo
(UERJ / UNICAMP / CEIA – UFF)

Prof.a Nathália Esteves da Silva
(Letras / PG Lato Sensu – Letras e CEIA – UFF)

15h15min – 15h30min: Intervalo

15h30min – 17h15min: Mesa Redonda

Espaço urbano e mortuário no Egito faraônico

Coordenador: Prof. Doutorando Moacir E. Santos
(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

Prof.a Mestranda Liliane Cristina Coelho
(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

Prof.a Mestre Maria Thereza David João
(CEIA / GEE-MAAT – UFF)

17h15min – 18h:

Sessão de Comunicações Livres

Coordenadora:
Prof.a Mestranda Liliane Coelho

18h: Encerramento

Conferência

Construção de monumentos régios e simbolização do espaço no Reino Novo

Professor Doutor Ciro Flamarion Cardoso

(Coordenador do CEIA e do GEE-MAAT – UFF)

Devido a uma documentação melhor do que no passado, é possível, na segunda metade do segundo milênio antes de Cristo, estudar mais em detalhe algo que, no entanto, estava presente desde os inícios da civilização faraônica: a simbolização do espaço como uma espécie de subtexto (a ser decifrado, mas bastante evidente e não ambíguo) subjacente aos monumentos de emissão faraônica entendidos, semioticamente, como textos a decifrar. Apresentaremos as modalidades seguintes de tal simbolização: (1) a que se apresenta nos templos (que só o rei podia construir ou modificar); (2) a que caracteriza os palácios reais; (3) a que se constata nas tumbas régias; (4) por fim, faremos menção a um aspecto mais complexo: o planejamento espacial da distribuição das construções de um mesmo faraó (nos casos, pelo menos, dos reinados longos e prósperos), no Egito e na Núbia. Veremos que, sem exceção, a forma de simbolizar o espaço nos monumentos régios remete a concepções cósmico-religiosas que eram centrais para que se mantivesse vivo e ativo o mito da monarquia divina.

Mesas Redondas

Militarismo e imperialismo no Reino Novo

Coordenador: *Professor Doutor Ciro Flamarion Cardoso*

(Coordenador do CEIA e do GEE-MAAT – UFF)

A institucionalização de um exército permanente no Egito do período imperial e suas repercussões sociopolíticas

Professor Doutor Ciro Flamarion Cardoso

(Coordenador do CEIA e do GEE-MAAT – UFF)

É demonstrável que, das inovações sociopolíticas relevantes ocorridas desde meados do segundo milênio a.C. no Egito

faraônico, a institucionalização e rápida integração em vários níveis da vida social e política egípcia de um exército permanente foi a mais importante e talvez a de maiores repercussões a médio e longo prazo. Para demonstrar tal hipótese, é necessário rastrear as formas que tomou a institucionalização mencionada, as variadas funções assumidas pelos militares e grupos sociais anexos (os chefes de estábulo que cuidavam dos cavalos que puxavam carros de guerra e do gado que abastecia as tropas, por exemplo) e as consequências delas para a vida política e social do Egito do Reino Novo.

Dar, receber e dominar: A ideologia do dom no império egípcio do Reino Novo (1550-1069 A.C.)

Professor Mestrando Fábio Frizzo

(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

Partindo do princípio, desenvolvido pela psicologia social francesa, de que toda a ação prática é orientada pelas representações individuais e sociais constituintes de uma visão de mundo, buscaremos identificar a influência da ideologia do dom nos diversos campos da sociedade imperial do Egito. Neste sentido, levantamos a hipótese de que há uma unidade das representações sociais do dom, que justifica tanto a dominação baseada na religião – dentro do Egito – quanto a política econômica de submissão das periferias imperiais – no caso externo. Tal unidade está calcada na trilogia “dar/receber/reciprocitar”, característica da lógica do dom, conforme observada desde a obra paradigmática de Marcel Mauss.

Militarismo no Egito do Reino Novo

Professora Doutoranda Nely Feitoza Arrais

(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

Militar e militarismo são termos comumente associados as sociedades antigas como conceitos por si só subentendidos. Como todos os conceitos trabalhados em História, também o militar e o militarismo devem ser compreendidos no seu contexto sócio-temporal. O Militarismo do antigo Egito tem características bem

diversas dependendo do período que estudamos. A presente comunicação tem por objetivo discutir os conceitos acima aludidos, tendo como pano de fundo a sociedade egípcia do Reino Novo com o objetivo de elucidar o papel do militar e sua inserção social, bem como a natureza da instituição militar nesta sociedade específica.

Elementos helênicos e romanos no Egito à luz da religião

Coordenadora: Prof.a Dra Regina M. da C. Bustamante
(LHIA / PPGHC – UFRJ)

Paisagem nilótica e exotismo: Representação musiva do Egito Antigo

Professora Doutora Regina Maria da Cunha Bustamante
(LHIA / PPGHC – UFRJ)

A paisagem do Delta do Nilo foi um tema figurativo recorrente na arte romana. Nas províncias romanas da África do Norte, encontramos uma vintena de representações musivas com este motivo. Para este trabalho, selecionamos um destes exemplares: o mosaico que decorava o *oecus* de uma *villa* costeira da cidade de *Uzalís* (atual El Alia na Tunísia) e datado do início do século II. Para leitura deste discurso imagético, aplicaremos a dinâmica de signo de Pierce visando desvelar o que o Egito representava para a sociedade afro-romana imperial.

Arquitetura e iconografia sagrada: Formas de legitimidade no Egito ptolomaico

Professor Doutorando Julio Gralha
(NEA – UERJ / UNICAMP)

No presente trabalho analisamos as práticas mágico-religiosas e a expressão da materialidade da dinastia ptolomaica para estabelecer a legitimidade dinástica propondo como divisor de águas a Revolta Tebana (206-186 a.C.), uma vez que tal evento pode ter levado a consecução de um programa de construção de templos no Alto como forma de legitimidade e controle social no

Egito como um todo. Ao contrário de alguns autores que defendem a pouca interação entre as culturas egípcias e greco-macedônica a forma como a legitimidade da dinastia ptolomaica foi empreendida nos permite verificar que tal interação foi muito mais profunda do que se possa pensar e provavelmente sem tal abordagem seria difícil a manutenção desta dinastia estrangeira por quase três séculos.

A Romanização dos egípcios ou a egípcianização de gregos e romanos? A permanência da cultura faraônica no helenizado Egito romano

Professor Doutor Luís Eduardo Lobianco

(LHIA – UFRJ e CEIA/GEE-MAAT – UFF)

Em geral os pesquisadores da Antigüidade, ao se dedicarem ao estudo do processo conhecido por “*romanização*”, avaliam a intensidade da presença de componentes culturais de Roma junto às populações nativas das províncias de seu Império, sendo que, especialmente em se tratando do Oriente, não se pode deixar de reconhecer a presença de processo similar anteriormente ali estabelecido: a *helenização*, sobretudo fruto da hibridização da cultura grega com as próximo-orientais ou mesmo simplesmente pela presença da cultura helênica. Uma atenta análise, entretanto, de um *corpus iconográfico funerário* do Egito dos séculos I a III d.C. pode apontar no sentido oposto: o da “*egípcianização*” - permanência da cultura faraônica - junto à população grega e romana ali residente neste período.

A partir de cinco imagens fúnebres do Egito Romano, produzidas no recorte cronológico supracitado, oriundas de diversas localidades: Hawara, Antinoópolis e Abydos, ou mesmo desconhecida, e retratadas sobre diferentes suportes: um ataúde, uma máscara, uma mortalha e duas estelas, este trabalho objetiva questionar se apenas parte da população egípcia teria adotado elementos culturais gregos e romanos - *helenização e romanização* - ou se, simultaneamente, uma parcela dos integrantes das etnias grega e romana, do tecido social do Egito de então, teria se apropriado de componentes da cultura faraônica – sobretudo de sua religião – no momento de retratar a sua morte.

Em suma: seria viável, portanto, com base na análise das fontes acima citadas, propor-se reflexão acerca da concreta possibilidade de que: a) Ἀρτεμίδωρε – *Artemídōre*, b) Τρύφῳν - *Trýphōn*, c) Πλουτόγενης – *Ploutógenēs*, d) Τίτος Φλάβιος Δημήτριος – *Titos Flávios Dēmētrios* – *Titus Flavius Demetrius* e d) *uma rica mulher (sem nome identificado)* tenham sido gregos e/ou romanos, que teriam abraçado a milenar cultura egípcia (faraônica), e por conseguinte se *egipcianizado*, tal qual revelado em sua derradeira manifestação iconográfica terrena?

As mulheres e o poder no Reino Novo

Coordenadora: *Professora Doutora Haydée Oliveira*
(CEIA e GEE-MAAT – UFF)

Esposa do deus, esposa do faraó: O papel da “esposa do deus Amon” na XVIII Dinastia

Professora Mestranda Aline Fernandes de Sousa
(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

As primeiras décadas da XVIII dinastia foram caracterizadas pela ascensão de Amon-Ra como um importante deus dinástico. Os faraós do período disponibilizaram grandes quantidades de recursos aos seus templos e os sacerdotes do deus tornaram-se poderosos. Dentro deste contexto insere-se o título de “Esposa do deus Amon”, cargo sacerdotal que na dinastia passou a ser exercido por mulheres da família real, especificamente mães e esposas dos faraós. A primeira a utilizá-lo foi Ahmes Nefertari, rainha do faraó Ahmes (1550-1525 a.C.), fundador da dinastia. O cargo dava para sua portadora grande poder no culto de Amon, incluindo a primazia em rituais e o controle de alguns bens. Esta comunicação tem por objetivo avaliar a importância do título por meio de fontes textuais e iconográficas provenientes dos reinados do já citado faraó Ahmes e da rainha-faraó Hatshepsut (1473-1458 a.C.).

Nefertiti e a exaltação do elemento feminino durante a reforma de Amarna.

Professora Mestre Gisela Chapot

(CEIA e GEE-MAAT – UFF)

Durante a reforma de Amarna (1353-1335 a.C.), segundo a cronologia baixa hoje preferida, a Grande Esposa Real, Nefertiti adquiriu um destaque até então jamais conseguido por outra rainha no Egito faraônico. Nefertiti exerceu uma função religiosa de suma importância dentro da nova religião implantada por Akhenaton, além de ser representada iconograficamente de forma reservada apenas aos monarcas: oficiando no culto sem a presença do rei, massacrando os inimigos em batalha. E, ao que tudo indica, a rainha teria governado o Egito como um faraó no final da era amarniana. Com base em fontes escritas e iconografia, ambas referentes ao reinado do faraó Akhenaton, pretendemos apresentar um pouco tais funções desempenhadas por Nefertiti, demonstrando sua proeminência dentro da realeza no século XIV a.C.

Mãe, filha, esposa, irmã. A condição da mulher em Deir el-Medina durante a XIX dinastia.

Prof.a Haydée Oliveira

(CEIA e GEE-MAAT – UFF)

O que se sabe da mulher egípcia ainda é muito pouco. O trabalho realizado durante o doutorado e defendido em 2005 tinha justamente a intenção de compreender e resgatar o que fosse possível através das imagens pintadas nas tumbas dos artesãos em Deir el-Medina. Com a idéia de lembrar o passado ou preparar o futuro (depende da interpretação) os artesãos pintavam/ esculpiam episódios variados nas tumbas dos reis e também em suas próprias tumbas. Tentou-se verificar através da frequência de sua aparição e o levantamento de suas ações, qual seria a participação real das esposas, mães, irmãs e filhas no dia a dia das atividades, bem como o nível de sua participação em todas as esferas da vida em Deir El-Medina.

A presença da deusa Ísis em Roma

Coordenadora: *Professora Doutora Sônia Regina Rebel de Araújo*
(CEIA – UFF)

O culto de Ísis no mundo romano: uma discussão a partir de 'O asno de ouro'

Professora Doutora Sônia Regina Rebel de Araújo
(CEIA – UFF)

Esta comunicação pretende discutir alguns aspectos do culto dos deuses nilóticos Ísis e Osíris no mundo romano do fim da República até o Alto Império. Pretendo mostrar, a princípio, a inserção deste culto na *civitas*, sua aceitação por parte de alguns líderes políticos como Sila e o imperador Nero, bem como a sua inserção entre os populares, o que é bem atestado por um texto muito especial, o *romance grego Metamorfose ou O Asno de Ouro*. Esta fonte narra vários aspectos da religião isíaca: a Festa da Navegação de Ísis e os rituais que cercam a iniciação nesta religião salvífica. O percurso de Lúcio, o herói deste romance, constituiria uma “legenda áurea”?

As muitas faces da deusa Ísis: a representação da deusa egípcia do período faraônico ao Egito romano.

Professora Mestranda Evelyne Azevedo
(UERJ / UNICAMP / CEIA – UFF)

Em seu livro *O Asno de Ouro*, Apuleio descreve a deusa Ísis com longos cabelos e uma coroa de flores, cingindo-lhe a testa, o disco ladeado pelas duas serpentes. Usando uma túnica furta-cor bordada, a deusa carrega um sistro de bronze e uma lâmpada em forma de barca. Profundamente romanizada, Ísis é despida de seus atributos faraônicos para ser incorporada à cultura helênica. Tomando como ponto de partida a imagem apresentada por Apuleio, o presente trabalho discutirá a representação de Ísis em Roma e a iconografia associada a ela.

A deusa egípcia Ísis e o maravilhoso no asno de ouro de Apuleio

Professora Nathália Esteves da Silva

(Letras / PG Lato Sensu – Letras e CEIA – UFF)

Durante a dinastia dos Imperadores Antoninos (século II d.C.), encontra-se um período de transição por que passa a religião tradicional romana devido à utilização de práticas mágicas advindas do Oriente. Nesse contexto surge *Lucius Apuleius* – Apuleio (125– 180 d.C.), escritor latino, com sua mais célebre obra, conhecida como *O asno de ouro*, originalmente intitulada *Metamorphoseon Libri XI* (*Onze livros de Metamorfose*), em que se pode observar a presença mágica da deusa egípcia Ísis, cercada pela linguagem do maravilhoso, a quem Lúcio (homônimo do autor), personagem principal do romance, recorre para retornar a forma humana, pois fora transformado em burro por uso de magia. O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise lingüístico-literária do mundo fantasioso descrito pelo personagem para voltar a sua forma original e para retratar o culto à deusa egípcia Ísis.

Espaço urbano e mortuário no Egito faraônico

Coordenador: Professor Doutorando Moacir Elias Santos

(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

Entre vivos e mortos: modificação e reutilização do espaço na vila de Deir el-Medina durante o Reino Novo

Professor Doutorando Moacir Elias Santos

(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

Os artesãos, escribas e construtores que residiram na vila de Deir el-Medina entre 1500 e 1070 a.C., foram os responsáveis não apenas pelo planejamento, execução e decoração dos sepulcros reais no Vale dos Reis e no Vale das Rainhas, mas também pela edificação de suas próprias tumbas. Concentradas em duas necrópoles, que se situam no Leste (denominada Gournet Murai) e no Oeste (chamada Monte Ocidental), as tumbas encontradas por

gerações de arqueólogos revelam significativas diferenças de posição social, sexo e idade. Neste contexto, objetivamos mostrar quais foram as mudanças que ocorreram nestas duas necrópoles, levando em consideração as alterações impulsionadas pelo desenvolvimento da vila com o aumento do número de casas, e com a ocupação e reutilização do espaço destinado aos mortos.

Vida e morte em Kahun: espaço urbano e espaço mortuário em uma cidade da XII dinastia

Professora Mestranda Liliane Cristina Coelho

(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

A cidade de Kahun foi construída durante o Reino Médio para abrigar os construtores da pirâmide de Senusret II, bem como os sacerdotes responsáveis pelo seu culto funerário. Como era de costume, os altos oficiais do faraó iniciaram a construção de suas tumbas próximas àquela erigida para o rei. Devido ao seu curto reinado, no entanto, muitas dessas tumbas não foram ocupadas, ficando algumas inclusive inacabadas. Constituíram-se, porém, na região do entorno do complexo funerário, alguns cemitérios, que foram utilizados por aqueles que habitavam na cidade. Nesta comunicação, procederemos a uma análise dos vestígios arqueológicos presentes nesses cemitérios, bem como de sua relação com o assentamento urbano propriamente dito.

O sarcófago no Reino Médio e a difusão da literatura funerária.

Professora Mestre Maria Thereza David João

(CEIA e GEE-MAAT – UFF)

Este trabalho objetiva analisar o significado simbólico do sarcófago no Egito do Reino Médio, tendo em vista a importância adquirida por este item da mobília funerária no período mencionado. É neste momento, inclusive, que os féretros pertencentes a alguns membros importantes da sociedade egípcia ganham um novo elemento, os Textos dos Sarcófagos, os quais são inscritos em seu interior e derivam de uma compilação de encantamentos funerários régios conhecida como Textos das Pirâmides. Crê-se, desta forma, ser possível compreender a evolução dos sarcófagos

à luz do processo de difusão desta literatura funerária (conhecido por “democratização” da imortalidade) sendo este, precisamente, o intento deste trabalho.

Comunicações Livres

Sessão 1

Coordenadora: Professora Doutoranda Nely Feitoza Arrais
(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

La lucha contra el diablo o la conquista cristiana de Egipto: la visión en los demonios en los apotegmas de los padres del desierto.

Professora Silvia Crochetti

(Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de La Pampa – Argentina)

La literatura cristiana ha intentado durante siglos definir y probar la presencia del maligno y sus obras. En el caso de los ascetas del desierto, se presenta una interrelación directa en la lucha con el mal. Una de las fuentes más descriptivas del caso, la constituyen la fuente proveniente de Egipto: los Apotegmas de los Padres del Desierto, los cuales describen la existencia de una incesante y progresiva aproximación a la perfección; asegurada mediante la observancia de normas autorreguladas.

La cosmovisión antigua era poseedora de la noción de que lo que afecta esta vida, tenía su fuente en lo que había ocurrido en el mundo invisible donde una plétora de demonios era responsable por todo lo que ocurría. Especialmente en una sociedad agrícola donde la prosperidad o la adversidad de la vida era un asunto tan aventurado, y donde la vida a menudo rozaba el borde de la ruina, la enfermedad o la pobreza extrema; la gente era ávida para asegurarse ayuda y asistencia contra los poderes demoníacos cuyo control de los elementos de la naturaleza era incuestionable. La idea del hombre santo manteniendo a raya a los demonios e inclinando la voluntad de Dios por sus oraciones vino a dominar la sociedad de la Antigüedad Tardía (..) colocó a un hombre, un hombre de poder, en el centro de la imaginación del pueblo (Brown, 1989:145)

En los Apotegmas confluyen las tradiciones egipcias, judía y griega, esta situación proyecta la cuestión de la relación entre los demonios y la imagen de los dioses y su representación a través de ellas. Esta cuestión, constituye una de las variables para analizar de imposición del cristianismo en el Egipto romano.

Textos dispersos: fragmentos de bloques con escritura jeroglífica y escenas en templos mortuorios de Tebas occidental, Egipto

Professora Liliana M. Manzi

(CONICET-IMHICIHU-DIPA)

Professora M. Eugenia Cerezo

(Universidad de Buenos Aires – UBA)

Professora Inés Fresquet

(Instituto de Enseñanza Superior N°1 – IES N°1)

Professora Doutora Alicia Moreau de Justo

(GCBA)

Nuestra propuesta es identificar tendencias en la depositación de bloques en templos mortuorios del Imperio Nuevo, Tebas occidental, que en la actualidad se encuentran desmantelados. Creemos que a través del análisis de la decoración y de las inscripciones que contienen algunos fragmentos es posible reconocer a qué sector del templo pertenecieron originalmente, a la vez que también pueden ser “leídos”.

Los templos seleccionados son los dedicados a Ay-Horemheb, Tutmosis III (dinastía XVIII) y Ramses IV (dinastía XX). Pensamos que algunos de estos bloques son partes remanentes de la estructura del templo original. Mientras que otros pueden provenir de construcciones previas, debido a que la circulación de bloques canteados fue muy generalizada en Egipto desde la antigüedad hasta el presente.

La conservación de los monumentos varía ampliamente motivo por el que en el templo de Tutmosis III se practicó un muestreo estratificado por sectores todavía reconocibles. En cambio, en los templos de Ay-Horemheb y Ramses IV se realizó un muestreo sistemático de todos aquellos bloques con diseños.

Iconografía y arquitectura en diálogo. una estrategia para interpretar los monumentos funerarios de la antigua Tebas

Professora Doutora María Violeta Pereyra

(Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires; Departamento de Egiptología, IMHICIHU – CONICET)

El trabajo se propone presentar los resultados alcanzados en la interpretación de los materiales epigráficos procedentes de una tumba tebana de fines de la dinastía 18: TT49. Perteneciente a Neferhotep, un funcionario del templo de Amón, el monumento fue decorado durante el reinado y documenta el sistema de creencias vigente en el momento de la restauración posamarniana.

El foco de atención es la representación que decora el lado sur de la pared oeste del vestíbulo, en el que se plásticamente desarrolló el tema de la recompensa del noble por el faraón, característica de las tumbas de la elite de Akhetatón. La estructura en la que fueron dispuestas las escenas, así como sus elementos constitutivos, tratamiento y articulación con el resto de las pinturas murales del monumento se analizan en correlato con las inscripciones preservadas en el momento de su registro por Robert Hay, casi por completo ilegibles en la actualidad.

Finalmente, en la interpretación el diseño arquitectónico es considerado un componente de relevancia de la composición, que atendía asimismo a la circulación dentro del monumento y que contribuye a precisar la decodificación del registro iconográfico.

Sessão 2

Coordenador: Professor Doutor Luís Eduardo Lobianco
(LHIA – UFRJ e CEIA / GEE-MAAT – UFF)

A coleção egípcia do Museu Nacional: de 1826 aos dias de hoje

Cintia Caldas Alves
(estagiária Museu Nacional/UFRJ)

Esta apresentação se encontra inserida no projeto: *Geração de Imagens Digitais das Coleções do Museu Nacional: Estudo, preservação e recuperação* sob financiamento da Faperj. Nesta primeira parte da exposição falarei sobre a Coleção Egípcia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta coleção é muito representativa, pois é a maior da América Latina, e tem sido objeto de pesquisas importantíssimas para o amadurecimento da Egiptologia no contexto brasileiro. Nesse sentido, abordarei também a questão da Mumificação no Egito Antigo para podermos compreender melhor o processo sob o qual as Múmias têm sido trabalhadas nesse projeto.

CT-Scan Nas múmias da coleção egípcia do Museu Nacional/UFRJ – Sha-Amun-em-Su

Professora Mestranda Marina Buffa César

(Museu Nacional-UFRJ)

Em 2004 o Museu Nacional/UFRJ em conjunto com o Instituto Nacional de Tecnologia/INT, a Fundação Oswaldo Cruz/FioCruz, a COPPE/UFRJ e a Clínica de Diagnóstico por Imagem/CDPI realizou tomografias computadorizadas nas múmias do seu acervo de arqueologia egípcia. Em continuidade a esse trabalho, hoje sob financiamento da FAPERJ, desenvolve-se o projeto *Geração de Imagens Digitais das Coleções do Museu Nacional: Estudo, preservação e recuperação*, sob a coordenação do Professor Dr. Antonio Brancaglion Junior, egiptólogo do setor de Arqueologia do referido Museu. O objetivo dessa comunicação é apresentar os trabalhos de tratamento dessas imagens, assim como os resultados obtidos até o presente momento. A múmia objeto dessa exposição é a de No.157 (catálogo Kitchen), cujo nome é Sha-Amun-em-Su, cantora do recinto de Amun.

CT-Scan Nas múmias da coleção egípcia do Museu Nacional/UFRJ - Estudo de uma múmia de criança.

Professora Mestranda Regina Coeli Pinheiro da Silva

(Museu Nacional-UFRJ)

Em 2004 o Museu Nacional/UFRJ em conjunto com o Instituto Nacional de Tecnologia/INT, a Fundação Oswaldo Cruz/FioCruz, a COPPE/UFRJ e a Clínica de Diagnóstico por Imagem/CDPI realizou tomografias computadorizadas nas múmias do seu acervo de arqueologia egípcia. Em continuidade a esse trabalho, hoje sob financiamento da FAPERJ, desenvolve-se o projeto *Geração de Imagens Digitais das Coleções do Museu Nacional: Estudo, preservação e recuperação*, sob a coordenação do Professor Dr. Antonio Brancaglion Junior, egiptólogo do setor de Arqueologia do referido Museu. O objetivo dessa comunicação é apresentar os trabalhos de tratamento dessas imagens, assim como os resultados obtidos até o presente momento. A múmia objeto dessa exposição é a de No.170 (catálogo Kitchen), que se trata de uma criança com cerca de cinco meses de idade.

Sessão 3

Coordenadora: Professora Mestranda Liliane Cristina Coelho
(CEIA / GEE-MAAT e PPGH – UFF)

CT-Scan Nas múmias da coleção egípcia do Museu Nacional/UFRJ - Múmia Romana

Professora Mestranda Simone Maria Bielesch
(Museu Nacional-UFRJ)

Em 2004 o Museu Nacional/UFRJ em conjunto com o Instituto Nacional de Tecnologia/INT, a Fundação Oswaldo Cruz/FioCruz, a COPPE/UFRJ e a Clínica de Diagnóstico por Imagem/CDPI realizou tomografias computadorizadas nas múmias do seu acervo de arqueologia egípcia. Em continuidade a esse trabalho, hoje sob financiamento da FAPERJ, desenvolve-se o projeto *Geração de Imagens Digitais das Coleções do Museu Nacional: Estudo, preservação e recuperação*, sob a coordenação do Professor Dr. Antonio Brancaglion Junior, egiptólogo do setor de Arqueologia do referido Museu. O objetivo dessa comunicação é apresentar os trabalhos de tratamento dessas imagens, assim como os resultados obtidos até o presente momento. A múmia objeto dessa exposição é a de No. 158 (catálogo Kitchen), um adulto jovem com cerca de 15 anos do sexo feminino.

As contendias de Hórus e Set nos Textos das Pirâmides - As origens do conto

Patrícia Cardoso Azoubel Zulli
(Graduanda em História – UFF / CEIA e GEE-MAAT)

O conto as Contendas de Hórus e Set foi uma narrativa que perpassou toda a história egípcia antiga chegando mesmo a Plutarco com sua narrativa sobre o mito osírfaco. Em sua trajetória, muitas modificações se deram além de fusões cuja mais importante fora com a mitologia de Osíris. Devido à longa duração já mencionada, pretendemos focalizar-nos na presente comunicação apenas no período dos Textos das Pirâmides (3º milênio a. C.). Desta forma, procuraremos apresentar os textos mais antigos que tratam desta mitologia de modo a demonstrar suas origens.



ISBN 978-85-62089-01-5



9 788562 089015